

OFICINA DE JOGOS FILOSÓFICOS - PENSAR BRINCANDO

Uma proposta de apoio a Educação para o Pensar

Marinês B. Oliveira [\(1\)](#)

O encontro entre filosofia e crianças é possível e a proposta didático-metodológica da Comunidade de Investigação se apresenta como um excelente caminho para propiciá-lo.

Porque através de jogos? Porque jogar é uma oportunidade criativa de se encontrar com a gente mesmo, com os outros, com o todo. É uma maneira lúdica, prazerosa e criativa de aprender a pensar, a agir, a refletir, a filosofar.

ABORDAGEM SISTÊMICA - A MUDANÇA DE PARADIGMA, DO COMPETIR AO COOPERAR

"Nenhum de nós é tão bom e inteligente quanto todos nós..."
Marilyn Ferguson

Podemos descrever o mundo globalizado a partir de um enorme paradoxo: Se, por um lado o desenvolvimento da tecnologia parece ter encurtado consideravelmente a distância entre as pessoas a partir de invenções como o telefone, a televisão, a internet, por outro, as relações pessoais parecem cada vez mais frias e competitivas. Desde pequenos somos incentivados a nos destacar, a sermos melhores que os outros, a colocarmo-nos à frente e lutarmos por nossos interesses. A idéia de grupo, de equipe parece ter ficado para trás, ou, só funciona quando nos propomos a atacar ou combater um outro grupo.

O individualismo e o distanciamento entre as pessoas levam a um desinteresse por aquilo que está fora do alcance de nossos olhos, por aquilo que não nos afeta diretamente. Esse modo de pensar o mundo é fruto do velho paradigma mecanicista segundo o qual, somos levados a negligenciar as tendências integrativas em favor das auto-afirmativas, isoladas, competitivas. Estas tendências não são apenas incentivadas, mas também recompensadas e reforçadas. É o que podemos notar se olharmos com mais atenção para a história. O imperialismo, a degradação da natureza, a discriminação de povos menos desenvolvidos tecnologicamente, a opressão da mulher e a luta por poder econômico, são alguns exemplos de como o mundo foi organizado a partir de uma lógica funcional, paternalista e dominadora.

Em resposta à crise de percepção que contamina principalmente as grandes instituições sociais estamos vivenciando um período de mudança na maneira de pensar o mundo e nossa relação com ele. O novo paradigma que desponta, a abordagem sistêmica, concebe o mundo como um todo integrado, e não como

uma coleção de partes dissociadas e tem como modelo a rede, na qual cada parte só existe devido e, ao mesmo tempo, para com as outras, unidas por uma relação de cooperação e interdependência tal, que somente é possível pensá-las no conjunto.

A partir dessa ótica, muda não só a maneira de pensar nossa relação com os demais seres vivos, mas também, a maneira como entendemos a sociedade e os problemas que estamos enfrentando nos dias de hoje, problemas estes que colocam em risco a sobrevivência de muitas espécies e também de seres humanos.

As principais características desse novo paradigma que se desponta, são:

1. *Visão sistêmica*: perspectiva que encara os problemas sociais e ambientais como aspectos de um mesmo problema.
2. *Sociedade sustentável*: sustentável é a sociedade capaz de satisfazer suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras.
3. *Ecológica e holística*: reconhecimento da interdependência total de todos os fenômenos; indivíduos sociedade e meio ambiente formam um todo em processos cíclicos da natureza.
4. *Essência questionadora*: o novo paradigma questiona profundamente cada aspecto do velho paradigma e os próprios fundamentos tendo como referência a perspectiva ecológica perspectiva dos nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte.

Pensar o mundo como uma rede cujas partes estão interligadas e necessitando uma das outras para a sua própria manutenção, nos leva a olhar o outro e a natureza como iguais, ou melhor, como parte de nós mesmos na medida em que nosso bem estar só é possível e consonância com o bem estar do mundo.

Para Tenzin Gyatso, o XIV Dalai Lama:

"Não podemos mais invocar as barreiras racionais, raciais ou ideológicas que nos separam, sem repercussões destrutivas. Dentro do contexto de nossa nova interdependência, considerar os interesses dos outros é a melhor forma de auto-interesse".

A abordagem sistêmica do mundo requer uma mudança na organização social, de relações com a natureza, os recursos e os demais seres vivos. Devemos estar preparados para formular questões mais profundas a cerca dos próprios fundamentos da nossa visão de mundo e do tipo de vida que esta visão nos leva a ter. Requer uma expansão de nossa maneira de perceber e de pensar, bem como uma mudança profunda de nossos valores. Devemos estar preparados para pensar melhor, ou seja, para pensarmos de maneira mais profunda, sistêmica, criativa e reflexiva para que possamos agir melhor, agir de forma cooperativa, integrativa e sustentável.

Se quisermos pessoas capazes de viver bem em sociedade adotando uma postura cooperativa em relação ao outro, devemos planejar essas atividades educativas de forma a promover a interação, a cooperação e o trabalho em equipe, em todos os seus momentos, desde a elaboração, até sua execução.

Quanto mais cedo as crianças forem incentivadas a pensar de maneira organizada, criteriosa e reflexiva, mais terão oportunidade de desenvolver habilidades de raciocínio que as levarão a não só entenderem melhor as disciplinas, como a aprimorarem sua própria compreensão de mundo.

TRANSFORMAR AS SALAS DE AULA EM COMUNIDADES DE INVESTIGAÇÃO ÉTICA- PENSAR BEM PARA AGIR BEM

"A comunidade de investigação é um estar a caminho. É adquirir a consciência do outro, sem perder a consciência de si"

Nondeilde Ferraz de Almeida

Ao pretendermos um modelo de Educação ou uma metodologia capaz de levar os homens a pensar melhor, devemos ter em mente qual o modelo de homem queremos formar e quais são as demandas exigidas pelo mundo no qual vivemos atualmente. Acreditamos que para que a escola vença o desafio de formar para além do meramente informar, a tarefa da educação deva ser fornecer ferramentas para que as pessoas possam desenvolver sua capacidade de construir pensamentos mais consistentes, coesos, coerentes e bem fundamentados.

Sob uma perspectiva pragmática, aprender a pensar bem significa aprender a criar relações entre símbolo e significado, entre a idéia e a ação, entre o ato e as conseqüências. Pensar bem pressupõe uma intrínseca relação entre os sentidos e o intelecto, entre o pensar e o agir. (Daniel, 2000, p.120)

Mas, como ensinar o indivíduo a desenvolver as habilidades cognitivas responsáveis por esse "pensar bem"?

O pensamento de Lipman aponta para a importância do tipo de atividade a ser desenvolvida com os alunos e, também, para a maneira como essas atividades deveriam ser vivenciadas.

O primeiro ponto refere-se às habilidades cognitivas, ou habilidades de pensamento ("Thinking Skills").

"As habilidades de Pensamento são aquelas condições que, se desenvolvidas adequadamente, auxiliam a pessoa a pensar bem, isto é, a produzir pensamentos que representam adequadamente a realidade, que podem explicá-la suficientemente, que podem justificar tais explicações, que podem oferecer novas informações quando devidamente articuladas entre si, que podem ser um

indicativo ou orientadores mais seguros do agir humano."
(Lipman, 1995, 140)

Sabemos que é inútil acumular conhecimentos se o pensamento não está habilitado a tratá-los de forma lógica e crítica. *Se quisermos cidadãos ativos, críticos, éticos, conscientes e conhecedores de sua herança cultural, devemos estimular desde cedo nossas crianças a prática da investigação e da reflexão, propiciando atividades que possibilitem o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis a um pensar autônomo, claro, coerente e reflexivo.* Ora, a filosofia, por sua própria natureza interdisciplinar, transdisciplinar e intradisciplinar, estimula a classificar, a definir, a fazer inferências e a formular questões pertinentes. Ela estimula a apresentar razões e habilita a construir analogias, comparações, contrastes e conclusões válidas. O pensamento crítico incentivado por ela gera o questionamento, a auto-correção e a razoabilidade na maneira de entender as demais disciplinas, assim como busca normas e padrões de logicidade e racionalidade.

Não é da filosofia dos grandes filósofos que estamos falando, pois não é essa a filosofia que as crianças e jovens necessitam. De nada adianta saber o nome e os feitos dos grandes filósofos se não se consegue compreender seu pensamento e, acima de tudo, se não se é capaz de construir e organizar pensamentos e idéias tão claros, pertinentes, lógicos e criativos.

Em outras palavras, a filosofia representa um modelo lógico para o pensamento da criança e do jovem que está em devir. Mas, para tanto é necessário que a abordagem metodológica utilizada no seu ensino priorize o desenvolvimento do pensar e não a simples apreensão de conteúdos históricos e conceituais.

O segundo aspecto apontado por Lipman é a idéia de Comunidade de Investigação. Segundo seu pensamento, quando as crianças são incentivadas a pensar filosoficamente, a sala de aula se transforma numa Comunidade de Investigação, a qual possui um compromisso com os procedimentos da investigação, com a busca responsável das técnicas que pressupõem uma abertura para a evidência e para a razão.

A participação produtiva numa pequena comunidade de investigação exige comportamentos e atitudes de cooperação, respeito mútuo, interesse por objetivos comuns, avaliação crítica, que são, dentre outros, elementos importantes para o exercício democrático na sociedade. Pressupõe-se que esses procedimentos da comunidade, quando internalizados, transformam-se em hábitos reflexivos do indivíduo.

Ainda segundo Lipman (1988, p.72):

"A ocupação dos espaços da cidadania requer das pessoas tais comportamentos e atitudes que podem decorrer ou ser reforçados quando se aprende desde cedo":

- *A respeitar os pontos de vista dos outros;*

- *Que o próprio ponto de vista tem o mesmo valor e peso do dos outros;*
- *A respeitar a vez dos outros e a exigir respeito pela própria vez;*
- *Que as regras podem ser discutidas e modificadas, mas que são necessárias para a vida em comum;*
- *Que todos somos iguais e igualmente dignos de respeito".*

Desse modo, só é possível uma disciplina que pretenda abordar assuntos relacionados às questões éticas e humanas a partir de uma abordagem metodológica dialógica, reflexiva e radical: a abordagem filosófica. Só é possível uma educação moral efetiva, através da educação do pensamento.

Portanto, podemos dizer, que a comunidade de investigação filosófica contribui igualmente para a educação moral, na medida em que tende para a melhora da condição humana, privilegiando a cooperação na resolução de problemas fundamentais.

PROJETO JOGOS FILOSÓFICOS - RELATO DA EXPERIÊNCIA [\(2\)](#)

"Porque não usar a força transformadora dos jogos para ajudar a nos tornarmos o tipo de pessoa que realmente gostaríamos de ser"?

Terry Orlick

A disciplina Ética e Relações Humanas, oferecida na 5ª série do Ensino Fundamental do Colégio Santo Agostinho de Belo Horizonte, pretende oferecer uma educação para o pensar bem ser mas que um espaço de formação moral do aluno e tem por objetivo o desenvolvimento sua formação holística, considerando suas dimensões ética, estética, espiritual e intelectual, a partir de uma abordagem reflexiva e dialógica. A educação ética, no contexto dessa disciplina é, ao mesmo tempo, conteúdo e processo, reflexão e vivência afirmação e dúvida.

Os alunos são constantemente estimulados a pensarem sobre seu pensamento, suas possibilidades, suas relações com o agir, o fazer, o criar, para que possam entender o que está por trás das ações que consideramos éticas ou não éticas.

Nessa perspectiva, as atividades desenvolvidas têm um caráter de investigação compartilhada e auto-corretiva a respeito da problemática humana tendo como ponto de partida a própria experiência e reflexão do aluno. Esse processo é chamado de Comunidade de Investigação Ética e essa investigação é realizada a partir de contextos bem planejado, lúdicos e envolventes: os jogos filosóficos.

A idéia de construir jogos filosóficos abordando os temas discutidos nas aulas de filosofia, nasceu a partir da própria metodologia do Programa Filosofia para Crianças e da idéia de Comunidade de Investigação. O manual do professor que acompanha as novelas filosóficas, oferecem uma quantidade enorme de exercícios e planos de discussão que servem de eixo norteadores para as aulas. Porém, os exercícios sugeridos destoariam do sentido dialógico e inovador do programa, se

fossem meramente reproduzidos e aplicados aos alunos para que os resolvessem individualmente.

O Centro Mineiro de Educação para o Pensar adaptou alguns desses exercícios e os transformou em jogos como o RODAPHI, CAMINHOS DO CONHECIMENTO e o ALVO, que são utilizados por alguns professores que fazem o curso básico de habilitação com a equipe de Belo Horizonte.

Esses jogos conquistam os alunos já a primeira vista, por sua simplicidade e beleza plástica. As tarefas, ou jogadas levam as crianças a refletirem sobre os temas discutidos nos debates e exercitam as habilidades cognitivas de forma desafiadora ao mesmo tempo em que promovem a interação entre os jogadores, já que muitas vezes precisam uns dos outros para realizar a jogada.

O jogo filosófico se apresentou como uma prazerosa maneira de conduzir as aulas de Filosofia, Ética e Relações humanas, tanto no Ensino fundamental, quanto no Médio e no Superior uma vez que por si só trabalha os três pilares propostos pela disciplina: os temas filosóficos (éticos, estéticos, antropológicos e epistemológicos), as habilidades cognitivas ou habilidades de pensamento e as habilidades sociais.

Nesse sentido, discutir entre pares questões filosóficas em um clima de jogo cooperativo, estabelece um vínculo entre consciência individual e a consciência social: é refletindo de forma autônoma e crítica e agindo de forma cooperativa e altruísta que a criança vai, aos poucos, estabelecendo fronteiras entre o eu e o mundo. Em suma, é na prática das discussões filosóficas que a criança concretiza sua educação ética-moral.

Acreditamos que a educação ética efetiva só é possível através da educação do pensamento e isso só é possível a partir do momento que percebemos como pensamos, porque pensamos o que pensamos e como podemos pensar melhor sobre as coisas. Quando as questões éticas e morais são apresentadas numa perspectiva de prática dialógica, a aprendizagem se dá de forma interativa e reflexiva, não impositiva e dogmática.

A experiência com a disciplina Ética e Relações Humanas durante o ano de 2003 nos mostrou, mais uma vez, que o encontro entre filosofia e crianças é possível e que a proposta didático-metodológica da comunidade de investigação se apresenta como um excelente caminho para propiciar este encontro.

Porque através de jogos? Porque jogar é viver. É uma oportunidade criativa de se encontrar com a gente mesmo, com os outros, com o todo... O importante aqui não é competir, mas sim, cooperar, ensinando e aprendendo a pensar, a agir a refletir, a filosofar...

BIBLIOGRAFIA:

1. ALMEIDA, Nondeilde Ferraz de, SANTOS, Raquel. Filosofia para Crianças um caminho. Belo Horizonte: Cultura, 1998. 78p.
2. CAPRA, Fritjof. O ponto de Mutação, Editora Cultrix,, São Paulo, 1990.
3. LIPMAN, Matthew. A filosofia vai à escola. São Paulo: Summus, 1988.
4. _____. Educação para o Pensar. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
5. _____. Filosofia na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
6. _____. O Pensar na Educação. trad.: Ann Mary Fighiera Perpétuo. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
7. _____. Natasha, diálogos vygotkianos; trad.: Lólio Lourenço de Oliveira - Porto Alegre: Nova Alexandria, 1997.
8. _____;
9. KOHAN, Walter Omar. Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman, vol. 01 - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
10. _____. Filosofia para crianças: na prática escolar, vol. 02 - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
11. _____. Filosofia na infância, vol. 03 - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
12. _____. Filosofia para crianças: em debate, vol. 04 - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
13. SÁTIRO, Angélica. Com diálogos, relatos e reflexões. - Belo Horizonte: Cultura, 1998.
14. SHARP, Ann Margaret OSCANYAN, Frederick S. A filosofia na sala de aula, trad.: Ana Luiza Fernandes Falcone - São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

[\(1\)](#) Professora de Filosofia, Ética e Relações Humanas do Colégio Santo Agostinho de Belo Horizonte.

Monitora do Centro Mineiro de Educação para o Pensar. Ex-professora do Departamento de Ciências da Educação da UFSJ, Graduada em Filosofia (UFMG), especialista em Docência do Ensino Superior (PUC-MG)

[\(2\)](#) Experiência realizada no Colégio Santo Agostinho de Belo Horizonte, Mg, nas turmas de 5ª série do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio e no 8º período do Curso de Pedagogia da UFSJ

